

Ricardo Burg Ceccim, Cláudia Rodrigues de Freitas
e Carla Biancha Angelucci

ORGANIZADORES

**fármacos,
remédios,
medicamentos:**

O que a
educação
tem com **isso**

VOLUME 2

editora



redeunida

Coleção Vivências de Educação na Saúde

Ricardo Burg Ceccim, Cláudia Rodrigues de Freitas
e Carla Biancha Angelucci

ORGANIZADORES

fármacos,

remédios,

medicamentos:

O que a
educação
tem com **isso**

VOLUME 2

editora



redeunida

Coleção Vivências de Educação na Saúde

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

C387f **Ceccim**, Ricardo Burg; **Freitas**, Cláudia Rodrigues de; **Angelucci**, Carla Biancha (org.).

Fármacos, remédios, medicamentos: o que a Educação tem com isso? Volume 2 – debates continuados, diálogos interdisciplinares / Organizadores: Ricardo Burg Ceccim, Cláudia Rodrigues de Freitas e Carla Biancha Angelucci. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022.

366 p.; il.; gráfs; fotografias. (Série Vivências em Educação na Saúde, v. 27).
E-book: 5,1MB; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5462-001-7

DOI: 10.18310/9786554620017

1. Cuidado em Saúde. 2. Educação em Saúde. 3. Farmacologia. 4. Saúde Coletiva. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

22-30180162

CDD 615

CDU 615

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

Editora Rede Unida

Porto Alegre, 2022.





POSFÁCIO:

Do interesse pela leitura de “Fármacos, remédios, medicamentos 2” e seu desafio sobre “o que a educação tem com isso”, trazendo debates e diálogos continuados e interdisciplinares

Claudio Roberto Baptista

Do interesse pela leitura de “Fármacos, remédios, medicamentos 2” e seu desafio sobre “o que a educação tem com isso”, trazendo debates e diálogos continuados e interdisciplinares

Claudio Roberto Baptista

As últimas décadas têm sido um período marcado por desafios que parecem estar associados a uma contradição: apesar de existir um avanço no conhecimento científico que nos permitiria realizar leituras que consideram a complexidade dos fenômenos humanos e sua evidente multideterminação, temos visto a consolidação de propostas que isolam e fragmentam nossos gestos, na busca de explicações para a origem desses fenômenos que são identificados como pessoais, corporais e desconectados de uma rede social que os produz. Tal direcionamento nos leva a claros efeitos em termos de propostas de intervenção que se mostram simplificadoras e fragmentárias, com excessiva responsabilização de cada um. Corpos e histórias concebidos como gênese e movimento individual.

O presente livro se organiza como uma clara reação a essa tendência que habita diferentes campos de intervenção. Para isso, reúne profissionais de áreas distintas, mas fortemente implicadas nos fenômenos relativos à medicalização e à patologização da vida, muitas vezes decorrendo em sua farmacologização. O livro traz uma reivindicação ética: como esse tempo, essa concepção e essa prática incidem na educação?

Organizado na forma de coletânea, oriundo de um espaço de formação acadêmica pós-graduada em educação, esse conjunto de textos nos mostra que há grupos articulados que resistem e que expõem suas análises como quem olha “para a própria pele”, ao se reconhecer como implicado na condição de produtor ou disruptor de um ciclo, analisando suas recorrências e suas repetições, assim como desafiando às potências.

Esse gesto de identificar-se como parte do “problema” lembra as iniciativas de Allen Frances, em 2013, ao se propor como um contundente crítico do Manual Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria em sua 5ª versão, depois de ter sido o responsável pelo grupo de trabalho que escreveu a quarta edição (DSM-IV). Quem conhece os bastidores pode discutir como organizar o cenário e antecipar riscos, mas para isso é fundamental manter viva a capacidade de ler os movimentos instituintes em novos processos. Esse é o recado da crítica, como também do livro.

É particularmente potente a emergência de um ciclo gerador, quando críticas contemplam propostas e um grupo de profissionais é reunido para pensar e nos fazer pensar, tal como materializa o presente o livro. Estão reunidos na obra profissionais de áreas como a Educação e a Saúde, com forte presença de representantes da Psicologia, Pedagogia e Medicina, afinal esses campos de conhecimento e de intervenção têm grande responsabilidade quando se trata do risco de patologizar a vida. Também estão no livro autores da Enfermagem, Educação Física e Terapia Ocupacional.

Para além da necessária crítica à medicalização, patologização e farmacologização atravessando a escola e o ensino, abre-se um espaço de criação e de renovamento à afirmação: da vida, da diversidade e dos processos de inclusão. No livro encontramos diálogos que repropõem temáticas que são recorrentes nos debates sobre saúde mental e educação, como a transformação de dificuldades de aprendizagem em supostas patologias codificadas em quadros nosológicos ou a observação do incremento recente daquilo que, ao longo desses últimos anos, tem sido designado como uma “epidemia” de transtornos ou síndromes.

Algumas dessas categorias diagnósticas, apesar de sua precária sustentação científica, se multiplicam e pouco contribuem para a efetiva busca de alteração das condições sociais e escolares dos envolvidos. No presente conjunto de textos encontramos estudos que discutem alternativas no ato de diagnosticar e de inventar rotas curriculares, assim como os efeitos de recentes alterações provocadas pela pandemia de covid-19, com o afastamento social e suas consequências. Esses efeitos têm sido associados à intensificação do

sofrimento psíquico e ao aumento no número de casos de diagnósticos, mas a coletânea toca ainda na diversidade cultural ou ancestral, trazendo a concepção de vida e saúde dos povos indígenas brasileiros, sugerido a decolonização de nossas práticas e de nossa ciência, assim como situações de sofrimento no trabalho docente ou na vivência estudantil na educação superior.

Estamos, com o presente livro, diante de reflexões que associam de forma provocadora a pesquisa acadêmica e os desafios de pensar práticas que, esperamos, se multipliquem no fortalecimento das redes em defesa da educação, saúde e processos inclusivos. Trata-se de uma leitura indispensável para professores, clínicos e estudiosos interessados em saúde mental (na perspectiva da saúde coletiva), educação especial (na perspectiva da educação inclusiva), promoção da saúde e inclusão escolar.